



Bolsas Na quinta-feira	Pontuação B3 IBovespa nos últimos dias	Dólar Na quinta-feira	Salário mínimo	Euro Comercial, venda na quinta-feira	CDI Ao ano	CDB Prefixado 30 dias (ao ano)	Inflação IPCA do IBGE (em %)
1,15% São Paulo	205.079 204.120	R\$ 5,039 (+ 0,23%)	R\$ 1.621	R\$ 5,653	13,65%	13,56%	Maio/2026 0,58 Junho/2026 0,16 Julho/2026 0,07 Agosto/2026 -0,32 Setembro/2026 0,82



Mercado fica mais apreensivo na reta final

Indefinição das pesquisas eleitorais tem elevado a volatilidade da Bolsa, além de refletir em nova alta do dólar, para R\$ 5,039

» RAPHAEL PATI

A falta de certeza e de previsibilidade sobre o futuro do país no campo econômico preocupa os investidores do mercado financeiro nesta reta final para o segundo turno das eleições presidenciais. A Bolsa de Valores de São Paulo (B3) voltou a apresentar grande volatilidade no pregão de ontem, enquanto as pesquisas de opinião apontavam empate técnico entre os candidatos Flávio Bolsonaro (PL) e o presidente Luiz Inácio Lula da Silva (PT), com redução da rejeição do petista.

Apesar de o filho mais velho do ex-presidente Jair Bolsonaro ter despontado à frente do presidente Lula, no primeiro turno, as pesquisas não apontam um resultado claro para a votação do próximo domingo. A pesquisa divulgada pelo Instituto Datafolha, na noite de ontem, mostrou Flávio e Lula empatados com 50% dos votos válidos e 47% x 46% para o senador fluminense na contagem geral das intenções. No primeiro turno, a diferença entre os dois foi de 2,22 milhões de votos, com vantagem para o candidato do PL.

“Índice do medo”

Termômetro do nível de incerteza do mercado às vésperas das eleições, o S&P/B3 Ibovespa VIX, conhecido popularmente como o “índice do medo”, varia de 0 a 100, mas nunca tinha ultrapassado o patamar de 30 pontos — acima disso, o mercado considera como um cenário de forte turbulência e aversão ao risco. Na sessão de ontem, chegou ao patamar mais elevado da série histórica, ao disparar 6,72% em apenas um dia e chegar a 45,27 pontos.

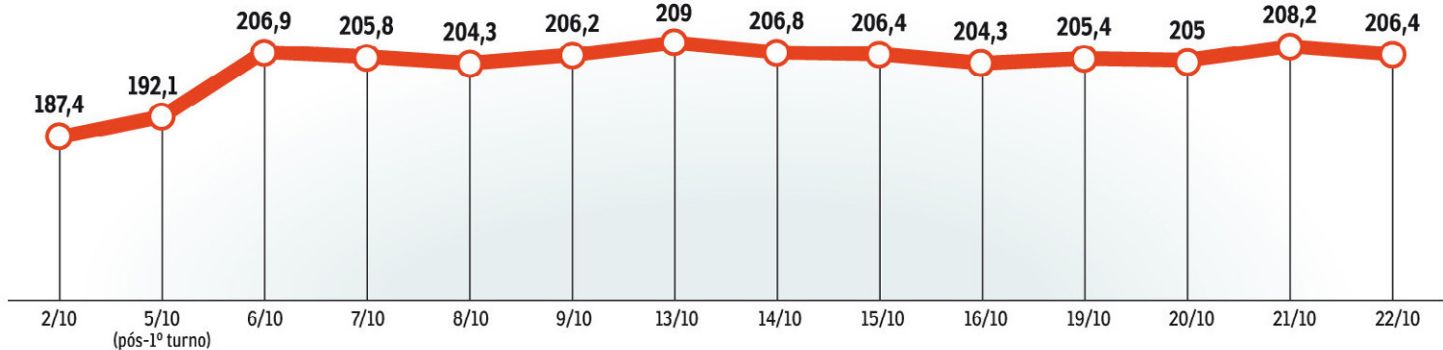
Diferente dos índices que acompanham a valorização das ações, o VIX é calculado a partir dos preços das opções de compra e de que são contratos futuros que visam proteção e hedge (proteção). O Vix não indica se a bolsa vai subir ou cair, mas mensura a amplitude das oscilações de preços esperados pelos investidores, como explicou o economista-chefe da Bluemetrix Asset, Renan Silva.

Sobe e desce

O Ibovespa, principal índice da B3, acumula alta de 9,54% no mês em que atingiu pela primeira vez os 200 mil pontos. Às vésperas do segundo turno eleitoral, a trajetória segue imprevisível

FECHAMENTO DO IBOVESPA EM OUTUBRO

Em mil pontos



Fonte: Bolsa de Valores de São Paulo (Bovespa)

“Diante de visões econômicas divergentes e disputas acirradas nas pesquisas, o mercado passa a precificar uma maior volatilidade, ou variabilidade de retornos possíveis após a apuração”, disse Silva. Ele destacou, no entanto, que o índice do medo tende a atingir a sua máxima na reta final da campanha e passar por uma queda acentuada assim que os resultados são confirmados e as incertezas são reduzidas.

O analista Felipe Sant’Anna, explicou, no entanto, que uma “disparada” do VIX não representa necessariamente que o mercado esteja preocupado ou desesperado. Na verdade, os investidores fazem as suas apostas, com uma

parcela comprando uma vitória de Flávio, e a outra, de Lula. Nesse contexto, ele destaca que é normal uma elevação abrupta desse índice — que chegou ao Brasil em 2024 e já existia nos Estados Unidos — em momentos de decisões importantes.

“O VIX vai aferir o comportamento do mercado em relação às opções, mais ou menos, para entender se os investidores neste momento estão buscando proteção, estão buscando proteger sua carteira, seus ativos, de uma queda abrupta, ou mesmo, montando posições apostando em uma alta por causa do resultado de segundo turno no domingo no Brasil.”

Bolsa e dólar

Nos últimos dois dias, o Índice Bovespa (IBovespa), principal indicador da B3, acumulou queda de quase 2%, após subir 1,5% na terça-feira, quando as pesquisas indicavam estabilidade no favoritismo de Flávio para o segundo turno. Apenas ontem, a queda foi de 1,15% e o índice encerrou o dia aos 204.120 pontos. No entanto, com o avanço da campanha de Lula nas redes sociais nesses últimos dias, a indefinição sobre quem terá mais chances de vitória, a incerteza junto aos operadores do mercado financeiro — que estão claramente torcendo para Flávio — aumenta sobre qual deve ser o vencedor da

disputa no próximo dia 25.

Essa incerteza também vem sendo percebida no câmbio. No fechamento de ontem, o dólar chegou a R\$ 5,039, com alta de 0,23%. De acordo com o estrategista-chefe da Sincra, Gustavo Cruz, a eleição segue acirrada e o debate econômico entre os candidatos não é positivo. “Ambos os candidatos fizeram afirmações que vão contra uma solução do crescimento do endividamento brasileiro descontrolado”, destacou. O especialista enxerga os investidores em posição defensiva, imaginando que uma vitória do presidente Lula teria como reação “queda da Bolsa, desvalorização do câmbio e piora da curva de juros futuros e na inflação”.

Recorde na arrecadação

A arrecadação federal teve um crescimento real (acima da inflação) de 5,62% em setembro, somando R\$ 239,3 bilhões, conforme dados divulgados, ontem, pela Receita Federal. No acumulado desde janeiro, o resultado total acumulado no ano chegou a R\$ 2,35 trilhões, o que indica um crescimento real de 6,97% ante o mesmo período do ano anterior.

Com resultado no nono mês do ano, a arrecadação federal apresentou o melhor desempenho para o mês de setembro desde o início da série histórica, em 2000. As receitas administradas pelo Fisco somaram R\$ 231,4 bilhões em setembro, o que indica um aumento real de 5,03%, ao passo que, entre janeiro e setembro, a arrecadação atingiu R\$ 2,25 trilhões, com um acréscimo real de 6,89%.

Entre os principais fatores responsáveis pelo crescimento da arrecadação no mês está o desempenho da contribuição previdenciária, em virtude principalmente do aumento real da massa salarial e da redução da desoneração da folha. A receita previdenciária no mês passado chegou a R\$ 64,5 bilhões, o que indica um crescimento real de 6,18%, em grande parte, devido ao aumento de 1,72% na massa salarial.

O levantamento também indicou crescimento real de 7,42% na arrecadação do Simples Nacional previdenciário e salto de 14,88% no montante das compensações tributárias com débitos de receita previdenciária, além da reoneração escalonada da contribuição patronal dos municípios e da folha de pagamentos. Houve leve crescimento na arrecadação de PIS/Cofins, de 0,76%, para R\$ 50,4 bilhões, impulsionada pelo desempenho do setor de serviços e do setor de extração de petróleo. Outros destaques para o mês foram as receitas com aplicações em títulos e fundos de renda fixa, além de dividendos e Juros sobre o Capital Próprio (JCP), que contribuíram para alta de 14,70% do recolhimento do Imposto de Renda sobre o Rendimento do Capital, para R\$ 12,1 bilhões. (RP)

Carta pede redução de juros em 2027

» VICTOR CORREIA

Carta assinada por mais de 380 empresários, representando 40% do Produto Interno Bruto (PIB), cobra do presidente Luiz Inácio Lula da Silva (PT) e do senador Flávio Bolsonaro (PL-RJ) compromisso com medidas de ajuste fiscal para reduzir a taxa básica da economia (Selic), atualmente em 13,75% ao ano, chegue a 7,5% anuais, no ano que vem, além de reduzirem o endividamento público, caso forem eleitos. O documento foi produzido pelo grupo Parlatório, e endereçado aos dois candidatos que disputam o segundo turno. Também pede medidas como

a reforma do Judiciário, o fim da reeleição para o Executivo, respeito à Constituição e à democracia, e a redução da máquina pública.

De acordo com os executivos, será “imprescindível” atingir um superavit fiscal (economia para o pagamento dos juros da dívida pública) de, ao menos, 1% do PIB, em 2027, e um déficit nominal de menos de 7% do PIB. Eles almejam ainda uma meta de inflação para 3% ao ano e esperam crescimento anual do PIB também de 3%.

“Tratar como prioridade absoluta, em regime de absoluta urgência, a aprovação de medidas macroeconômicas que resultem na

redução gradual e acelerada da taxa Selic pela avaliação técnica do Comitê de Política Monetária (Copom)”, diz a carta. Já a relação dívida/PIB esperada é de 70% até 2030. Atualmente, está em 82,9%.

O Parlatório é coordenado pelo economista e executivo Roberto Giannetti da Fonseca, e as propostas contaram com a colaboração de nomes como o embaixador Rubens Barbosa, o general Otávio Rego Barros — que foi porta-voz da Presidência durante o governo do ex-presidente Jair Bolsonaro (PL) —, o presidente da Federação Brasileira de Bancos (Febraban), Isaac Sidney, e o ex-presidente da Petrobras, Jean Paul Prates.



Desejamos que as eleições sejam realizadas em paz e harmonia pelos eleitores brasileiros”

Trecho da carta assinada por mais de 380 empresários

Reformas

A carta começa tratando sobre o respeito à Constituição, ao Estado Democrático de Direito, à independência entre os Três Poderes, além do respeito ao resultado das urnas e da retomada da reformas.

O documento cobra uma reforma do Judiciário, ainda em janeiro de 2027, com destaque para a elaboração de regras para indicação de ministros ao Supremo Tribunal Federal (STF). Na reforma política, os empresários querem acabar com a reeleição para o Executivo, reduzir ou acabar com o Fundo Eleitoral e limitar as emendas

parlamentares a 5% da verba discricionária. Na reforma administrativa, defendem reduzir o número de ministérios e revisar carreiras do serviço público.

O texto apresenta uma série de propostas, como a soberania na exploração de minerais críticos. “Desejamos que as eleições sejam realizadas em paz e harmonia pelos eleitores brasileiros de todos os cantos, que o vencedor seja democraticamente reconhecido pela maioria dos votos, e que o exercício do cargo presidencial seja cumprido com integral observação da Constituição Federal”, destacou o documento do Parlatório.